

circuitos compartilhados

PROJETO:
arte e patrimônio 2007

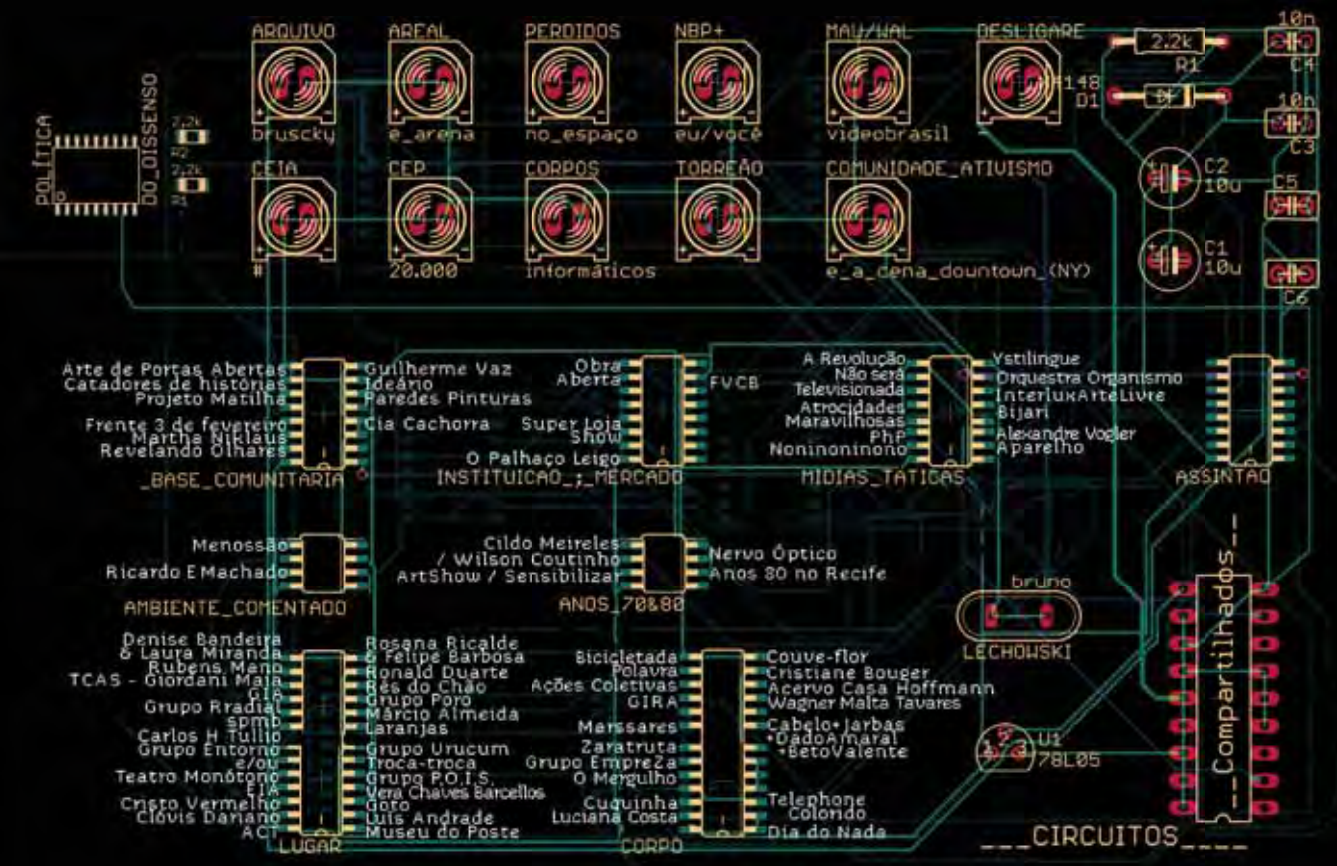
PATROCÍNIO:
BR
PETROBRAS

REALIZAÇÃO:
paço
Paço Imperial/MinC IPHAN

REALIZAÇÃO DO CIRCUITOS COMPARTILHADOS:
epa!
MEDIADOR:
F fórum permanente museus de arte entre o público e o privado

APOIO:
ateliê de criação teatral
e/ou
TEATRO ORGANIZADO
AMIGOS DO PAÇO

IPHAN 70 ANOS 1937-2007
300 ANOS CULTURAL DE BRASIL
CURITIBA A Cidade da Gente
Ministério da Cultura
BRASIL UM PAÍS DE TODOS GOVERNO FEDERAL
MINISTÉRIO DA CULTURA

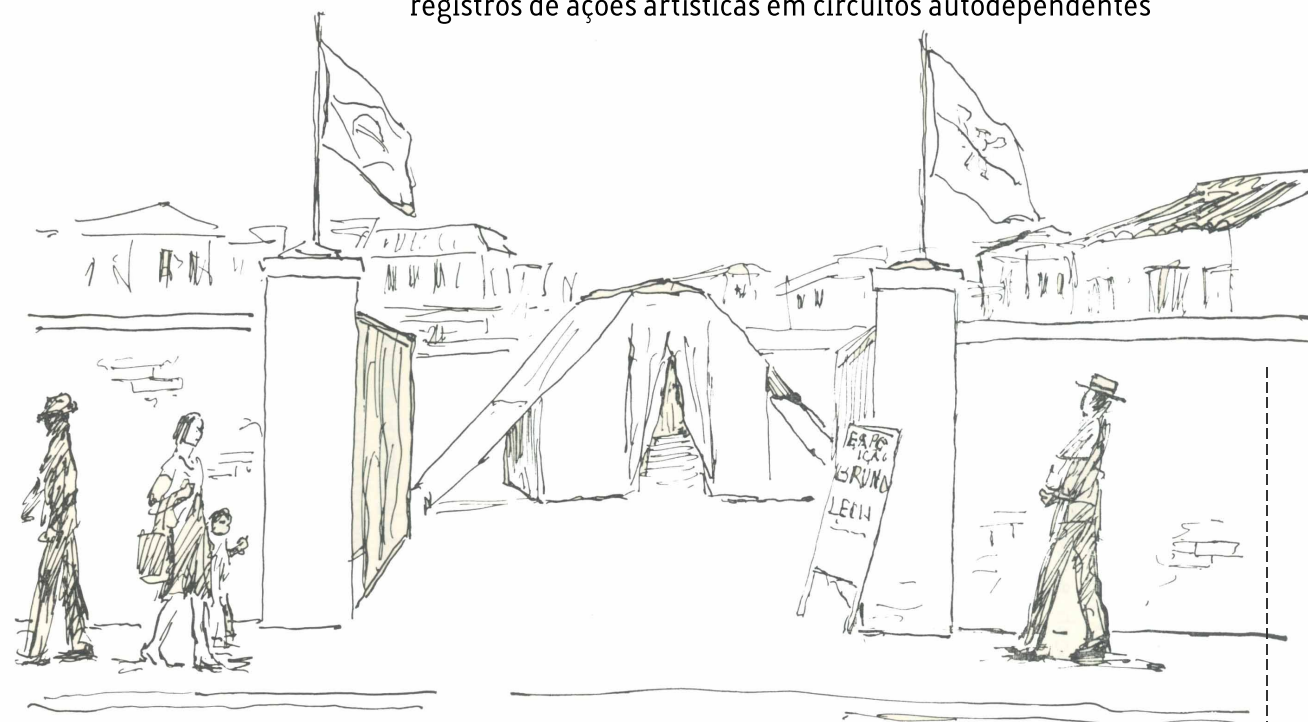


arte e patrimônio 2007



CIRCUITOS COMPARTILHADOS

registros de ações artísticas em circuitos autônomos



O Edital Arte e Patrimônio aconteceu em 2007 objetivando criar uma linha de financiamento a projetos que estabeleçam diálogos entre as artes visuais contemporâneas e o patrimônio artístico e histórico nacional. Por um lado, trabalhos artísticos e processos estéticos atuais e, por outro, os acervos, as tradições, as culturas e os sítios que estabelecem a memória do País. Essa sugestão de interações múltiplas foi o modo de celebrar os 70 anos do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, injetando um ânimo contemporâneo nas comemorações.

Formada por Afonso Luz, Carlos Zilio, Cristiana Tejo, Fernanda Barbará, Lauro Cavalcanti, Lorenzo Mammi, Marisa Morkazel, a comissão julgadora reuniu-se em outubro passado e selecionou, entre os 138 projetos recebidos de todo o Brasil, 12 propostas que priorizavam a inter-relação entre as artes visuais contemporâneas e os patrimônios brasileiros escolhidos. Foram eleitos dois projetos que propõem leituras históricas das artes visuais e dez que estabelecem a interação entre as artes visuais e valores culturais.

Nesta primeira edição do Edital foram financiados projetos que fazem interações entre São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia, Maranhão, Paraná e Rio Grande do Sul, e entre as regiões Sul e Nordeste. A relação de todos os selecionados está disponível no site www.artepatrimonio.org.br.

Resultante de uma pesquisa-ação e estratégia de circulação empreendida pelo organismo artístico *epa!*, agora em parceria de realização com o ACT, Fundação Cultural de Curitiba e Cinemateca de Curitiba - o projeto *Circuitos Compartilhados* visa o compartilhamento do mais completo acervo de filme e vídeo sobre os coletivos de artistas no Brasil, abrangendo a produção dos grupos recentes e também a de importantes iniciativas ocorridas nos anos 70, 80 e 90. A proposta consiste em atualizar o acervo e fazer 150 cópias da coleção, em DVD, para serem distribuídas entre os participantes, pesquisadores, museus e instituições culturais públicas do Brasil (e algumas do exterior), além de confeccionar um material editorial específico. A seleção deste projeto no Edital Arte e Patrimônio viabiliza essa iniciativa de disseminação, e alia-se ao redimensionamento da própria prática e conceito de acervo - quase sempre fundados na raridade e exclusividade - para uma perspectiva ampliada de publicização.

O Edital Arte e Patrimônio é iniciativa do Ministério da Cultura e do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, por meio do Paço Imperial, com patrocínio da Petrobras.

O acervo da mostra *Circuitos Compartilhados* (1) agrega registros em vídeo e filme de ações de importantes *circuitos artísticos autônomos*, convergindo para uma reflexão e visibilidade sobre o recente e intenso fenômeno cultural compreendido habitualmente como circuitos, curadorias e programações independentes; espaços alternativos; coletivos de artistas; ações colaborativas em arte; intervenções urbanas; arte de ativismo cultural e arte participativa.

Os antecedentes dessas proposições remontam às vanguardas históricas do século XX, a exemplo do Dadaísmo, ou mesmo ao experimentalismo mais radical empreendido a partir dos anos 60, como o Grupo Fluxus. A prática colaboracionista em arte, os grupos de artistas e as proposições autônomas de ação direta nunca deixaram de existir ao longo das histórias e geografias do século XX, ao contrário, quase sempre estão no cerne de novas concepções instauradas no meio cultural. Esse movimento coletivo de liberdade propositiva desdobra-se também sobre o espaço público, estendendo assim o campo de ação artística para a cidade, sociedade e outras geografias ampliadas. Como estratégia para essas trajetórias de expansão, as práticas artísticas diluíram os limites das especificidades das linguagens visuais, incorporando os códigos culturais como matéria-prima de diálogo. No Brasil, a partir do final dos anos 90 (em sintonia com um espírito de época mundial), a ressonância dessas iniciativas começou novamente a ser percebida em diversas localidades – depois de quase duas décadas nas quais muito se falou em “retorno à pintura” e mercado de arte. E, no início dos anos 2000, essas práticas autônomas passaram a ter grande visibilidade no meio artístico.

A *Circuitos Compartilhados* - registros de ações artísticas em circuitos autônomos insere-se nesse ambiente relacional e considera a si mesma como um gesto de afirmação da heterogeneidade, resistência cultural e postura crítica (2). A programação exhibe produções de arte contemporânea, em sua maioria de origem brasileira e derivada das artes visuais.

O termo *autôdependente* – fundamento conceitual da conexão entre as distintas iniciativas agregadas na mostra – é inspirado na fala do cineasta Werner Herzog ao reavaliar a expressão *cinema independente*, considerada por ele como inapropriada (3). Isto porque a produção cinematográfica em questão é também um produto interdependente de diversos agentes produtivos e mecanismos econômicos. Sendo assim, ela não é independente, como se não dependesse de nada. O diferencial da produção autôdependente reside, pois, no fato dela ser um trabalho cuja realização vincula-se primordialmente à autonomia de seu próprio proponente, inclusive na articulação e gestão de parcerias.

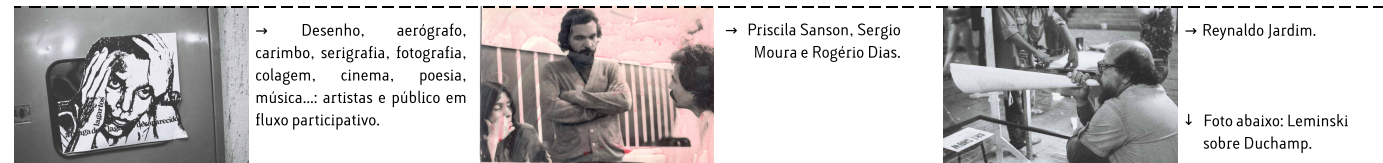
Esse conceito serve também para outras áreas da produção artística e evidencia a questão da autogestão cultural, a capacidade de grupos de artistas estabelecerem suas próprias redes de diálogo e trocas culturais com a comunidade, incluindo aí alternativas de mecanismos para sua sustentabilidade econômica. A importância maior dessa autonomia afirma-se no desvencilhamento de parâmetros ditados pelo mercado global e Estado, na perspectiva de proposição de heterogeneidades culturais e na possibilidade de manifestação de conteúdos críticos mais radicais. Ainda assim, mercado e Estado podem ser parceiros de diálogo, entretanto, deixando de ser estruturas únicas de conformação.

A *Circuitos Compartilhados* passa agora a ser dedicada a dois artistas: Bruno Lechowski e Paulo Bruscky. O visionário Lechowski – homenageado da mostra desde sua primeira edição – é um dos precursores dos circuitos artísticos autogeridos no Brasil através de seu *Cineton*, uma tenda para exposições, desmontável e nômade. Com ela o artista viajou pela Europa em 1925, e veio ao Brasil, em 1926. Lechowski teve passagens por Curitiba, São Paulo e Rio de Janeiro, onde passou a morar, até sua morte, tendo importante atuação nessa cena local, sendo um dos criadores e principais orientadores do Núcleo Bernardelli (4). Um artista que sempre soube da dimensão pública de seu produto cultural: “Eu produzo como uma força virgem da natureza e tudo o que produzo pertence a todos. O artista é como uma árvore que dá frutos. Quem quer que passe por baixo dela pode colher os frutos e nutrir-se deles, desde que lhe agradem”. O co-homenageado Paulo Bruscky é multiartista experimental e um dos precursores da arte postal e do filme e vídeo experimental no Brasil. É curador e administrador do ARQUIVO BRUSCKY – uma das mais importantes coleções de arte experimental e conceitual do mundo. É também orientador de diversos fluxos artísticos coletivos, principalmente no Recife, desde os anos 70 – de intervenções em outdoor, a exposições de fotos 3X4, arte postal e mostras de filmes e vídeos. Paulo hoje experimenta ainda uma outra dimensão pública de atuação, disponibilizando seu arquivo para pesquisadores e instituições culturais, intervindo assim numa macropolítica de ativação cultural.

→ *Cineton* em Varsóvia, 1925, com Lechowski ao centro. À direita, Lange, Sá Barreto, Cobbe, Lechowski e Traple. Curitiba, 1926.



→ Página anterior: *Cineton* na Pç Zacarias, Curitiba, 1926. Desenho de De Bona.

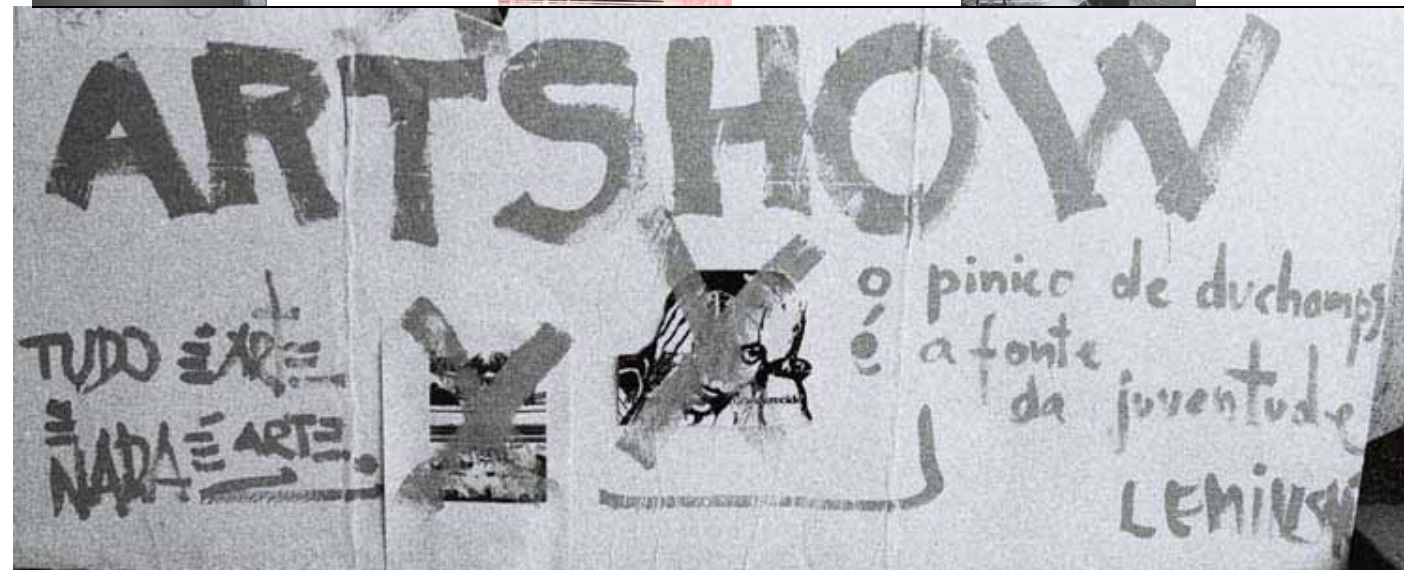


→ Desenho, aerógrafo, carimbo, serigrafia, fotografia, colagem, cinema, poesia, música...: artistas e público em fluxo participativo.

→ Priscila Sanson, Sergio Moura e Rogério Dias.

→ Reynaldo Jardim.

↓ Foto abaixo: Leminski sobre Duchamp.



↑ ArtShow. Acontecimento multimídia que reuniu artistas, produtores culturais e transeuntes numa semana de atividades na Galeria Júlio Moreira, TUC - Teatro Universitário de Curitiba, 1978.

↓ 31 de março de 1964. Ação do grupo Sensibilizar. Boca Maldita, Curitiba, 1984. Foto que compõe o documentário *Praça da Arte / ArtShow / Sensibilizar*.



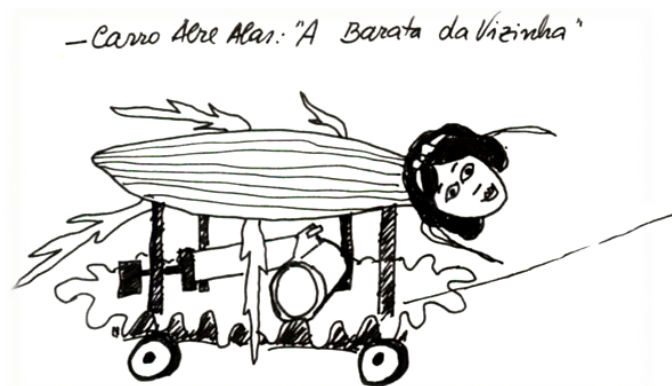
→ Hélio Leites, desanimador de festas e fundador da Associação Internacional dos Colecionadores de Botão - ASSINTÃO, que objetiva estudar o botão em suas mais amplas possibilidades.



Katia Horn, HL e Efigênia Rolim, grão-mestres do Povo do Botão.



I.S.P.G. - Igreja da Salvação Pela Graça. Culto Anual Deus é Umor.



↑ Desde os tempos imemoriais do final dos anos 80 o Povo do Botão faz uso do inutensílio e do miniaturismo como filosofia de vida e prática artística, sempre em busca da percepção das grandezas de valor escondidas na insignificância das coisas e costumes. Dentre as múltiplas ações da ASSINTÃO, a Ex-cola de Samba Unidos do Botão e a I.S.P.G. são as 2 enfocadas no vídeo *Povo do Botão*. Acima, à direita, projeto de carro alegórico para o carnaval de 1994.

↓ O que falta em grandiosidade para a Unidos do Botão sobra em pretensão, pois seu objetivo é, nada mais, nada menos, que esquentar o carnaval curitibano: "Faça frio ou faça sol, nossa escola só vai para a avenida de cachecol." Destile dos carros alegóricos em miniatura no calçadão da Rua das Flores, Curitiba, carnaval/94, cujo slogan-entredo foi *Branca de Neve na CPI e os 17 anões*.



↑ Ícone da Igreja da Salvação Pela Graça - I.S.P.G.

HISTÓRICO

A *Circuitos Compartilhados* principiou como uma atividade de pesquisa e curadoria sobre a produção contemporânea em vídeo associada à autogestão em circuitos artísticos, focando trabalhos que pudessem traduzir o ideário e a prática de algumas dessas iniciativas. A organização da *Circuitos* vem sendo realizada desde 2003, como desdobramento de pesquisas empreendidas desde 2000 sobre circuitos autônomos nas artes visuais, estudos esses materializados na publicação de textos e na organização de encontros e mostras, ações empreendidas através do organismo artístico *epa!*, o qual gerencia. O tema ainda convergiu para a Dissertação de Mestrado em Linguagens Visuais na EBA-UFRJ, intitulada *Remix corpobras*, defendida em 2004 e com orientação de Glória Ferreira. Simultaneamente, a *Circuitos* originou-se também de outra mostra, a *Vide o Vídeo*, organizada pela *epa!* em 2002, na Cinemateca de Curitiba (5).

Mais do que unicamente registros, fato é que os próprios produtos audiovisuais da *Circuitos*, além de complemento das obras ou das proposições, são também eles mesmos obras de arte, vídeo experimental. Isso é percebido através das diferentes singularidades de linguagem usadas na lida com o registro videográfico e filmográfico, desde a estratégia de filmagem empregada e subsequente edição, até o uso de recursos textuais, sonoros ou visuais específicos sobre esse material. Em alguns casos até, o vídeo é, desde o início, a obra e o circuito, a exemplo dos trabalhos focados numa metacritica à mídia televisiva. A noção de autogestão de circuito artístico afirma também a transdisciplinaridade, o uso de múltiplas linguagens artísticas e de multimeios. Nos filmes e vídeos da *Circuitos* esse horizonte de atuação *multipadronagem* - de pensamento, sensorialidade, materialidade, estratégia e existência - acaba evidenciando algumas tendências de práticas, notadamente as associadas à intervenção urbana, *happening*, performance, *site specific*, arte conceitual e arte de crítica institucional, tudo isso em diálogo com a dimensão do documentário experimental. Essa predominância de acontecimentos é intrinsecamente associada ao campo ampliado de realizações instaurado pela arte experimental a partir dos anos 60, uma das principais matrizes de desdobramento da arte contemporânea.

A mostra estreou em Curitiba, em maio de 2005, no ACT; e circulou por Londrina, em outubro/2005 (numa parceria com a Secretaria de Estado da Cultura do Paraná e Casa de Cultura da UEL); Rio de Janeiro, novembro/2005 (no Instituto de Artes da UERJ, dentro do projeto *Ciclo de Video-Arte - I Jornada de pensamentos sobre arte em vídeo do IART/UERJ*); Maceió, dezembro/2005 (dentro da programação da 2ª edição do projeto Rede Nacional de Artes Visuais - FUNARTE, em parceria com a Secretaria Executiva de Cultura de Alagoas); Antonina-PR, julho/2006 (dentro da programação da 3ª edição do projeto Rede Nacional de Artes Visuais - FUNARTE, em parceria com o 16º Festival de Inverno da UFPR); São Paulo, novembro/2006 (junto ao encontro *Reverberações*); Recife, maio/junho/2007 (no Centro de Formação em Artes Visuais da Fundação de Cultura da Cidade do Recife); Curitiba, março/2008 (estréia do atual estágio da *Circuitos Compartilhados* na Cinemateca de Curitiba / edital Arte e Patrimônio / MinC / IPHAN / Petrobras) e Brasília, maio/2008 (dentro das programações do projeto *Fora do Eixo / Conexão Artes Visuais - FUNARTE*).

Da primeira edição da mostra às circulações subsequentes ela também tem sido espaço para a estréia de trabalhos, fato que agrega valor cultural à proposta inicial e adensa diversidade ao repertório curatorial. Nas suas 7 primeiras edições, 11 títulos foram lançados na *Circuitos*, tendo sua primeira exibição pública: *Ação comum*, de Rubens Mano; *Iaquilál*, do spmb (Eduardo Aquino e Karen Shanski); *Workshop com Willi Dorner*, do acervo da Casa Hoffmann; *Infração*, de Marsares; *Pipeiros dos Prazeres*, de Goto; *Fundação do Museu do Poste*, de Octávio Camargo e outra coisa; *Dia do Nada - 2005*, *Contorno*, *Almoço na Relva*, *Outros 500*, de Rubens Pileggi em parceria com outros artistas. A *Circuitos* também estreou a coletânea com 14 vídeos do GPCI - Grupo de Pesquisa Corpos Informáticos, de Brasília, compilação essa abrangendo 13 anos de produção de um dos pioneiros grupos de investigação da arte tecnológica no Brasil. Além disso, nela também ocorreu a primeira exibição no Brasil de *Sensuality in (and) America*, de Cristiane Bouger.

Durante os 2 primeiros anos de circulação a mostra esteve nominada como *Circuitos em Vídeo*.

Se a mostra legitimou-se socialmente com base nas parcerias constituídas e em sua característica nômade de exposições, agora reinscreve-se coletivamente como uma proposta de acervo compartilhado entre os próprios participantes da mostra, instituições culturais públicas e pesquisadores. Ou seja, na atual articulação, junto ao Edital Arte e Patrimônio - 2007, há um importante redimensionamento da condição do acervo, o qual desloca-se do status de coleção individual/particular para o de patrimônio público/coletivo, tornando-se gesto político em prol do saber sem fronteiras. Política é também, especificamente contextualizando o recorte curatorial, a perspectiva de disseminação de repertórios de autogestão cultural. A partir dessa nova condição existencial a mostra passa a denominar-se *Circuitos Compartilhados*. Em maio de 2008 a mostra completou 3 anos de existência.